

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

GHEANY ROBERTA LEAL

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DOS NEOLOGISMOS NA OBRA O BEM AMADO

**PONTES E LACERDA/ MT
2014/1**

GHEANY ROBERTA LEAL

**A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DOS NEOLOGISMOS NA OBRA O BEM
AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação Prof.^a Ma. **Thalita M. Gonçalves Sampaio**, como requisito parcial para avaliação na disciplina de TCC.

**PONTES E LACERDA/ MT
2014/1**



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Ma. Thalita Miranda Gonçalves Sampaio (orientadora)

Prof.^a Vanessa Pincerato Fernandes (membro)

Prof. Dr.^a Eliana de Almeida (membro)

Pontes e Lacerda - MT

JULHO/2014

A THALITA MIRANDA GONÇALVES SAMPAIO,

Amiga, mais chegada que irmã, por estar presente nas horas boas e ruins, nos quinze anos de amizade. Por aceitar me orientar neste caminho do conhecimento, pelos conselhos, pelas sacadas, conversas de pessoas “lucidamente desequilibradas”, pelos planos, pelos devaneios risonhos e pelo mais importante, compartilhar experiências.

A SUEIDE FERREIRA LEAL,

Por me incentivar sempre a estudar, o exemplo de determinação para ser um ser humano melhor e sempre dizer: “se vai fazer, faça bem feito, nunca pela metade”, e por sempre saber quando eu precisava dela, obrigado!

A JOAQUIM FRANCISCO LEAL,

Por ser um exemplo de vida e conhecimento, pelo amor sem medidas e o respeito! É meu avô, sem palavras, o melhor!

A NOÉ BATISTA FRANCO,

Duas palavras: Meu Pai!

AGRADECIMENTOS:

A DEUS

Deus é o dono de tudo. Devo a Ele a vida e a oportunidade que tive de chegar até aqui. Muitas pessoas têm essa competência, mas não têm a oportunidade. Deus me deu essa oportunidade. E eu não desperdicei.

AOS PROFESSORES

Exemplos, que nos banharam de conhecimento trazendo o gosto pelo saber e a gana de querer aprender sempre mais, de explorar e de não aceitar tudo o que está posto, nos transformando em formadores de opiniões, então meu muito obrigado.

EM ESPECIAL

*A **Thalita M. G. Sampaio**, minha orientadora, agradeço pela paciência, incentivo e companheirismo, além do seu rico conhecimento dividido. Dias, noites e madrugadas de estudo. A você que foi rígida e carinhosa. Experiências que compartilhamos muitas delas boas em todos os momentos. E me ensinou a não ter vergonha de mudar de opinião. Obrigado!*

*A **Vanessa Pincerato Fernandes**, por ter aceitado participar da banca, mesmo com todas as turbulências e tempo escasso. Por ser minha amiga de longa data, foi uma honra tê-la neste momento importantíssimo da minha vida, por ser um exemplo de profissionalismo e do amor que tem pelo seu trabalho, as experiências divididas e os conselhos acatados com muito respeito. Obrigado!*

*A **Eliana de Almeida**, um ser humano impar, difícil de encontrar nos dias de hoje, uma professora espetacular que expressa paixão em cada palavra proferida, na excitação ao explicar aos alunos, nas “sacadas” mesmo que às vezes não sacamos nada, mas ficávamos fascinados, porém foi pelo menos para mim, apaixonante. Então, meu muito obrigado por ter feito parte da minha formação.*

AS MELHORES AMIGAS DE TODOS OS TEMPOS

Karina Ferro Cervelati, Rafaela Pincerato, Thalita Sampaio e Vanessa Pincerato. Totalmente indispensáveis em minha vida. Dizem que nada dura para sempre. Sonhos mudam, tendências vêm e vão, mas amizade nunca sai de moda.

AOS AMIGOS

Danilo Novaes, Elton Moraes, Iohanna Rosa, Karina Ferro Cervelate, Lillyan Frez, Laura Menin, Rafaela Pincerato, Rafael Leal, Ricardo Braz, Thalita Sampaio, Suely Sampaio (a família Sampaio) e Vanessa Pincerato. Família de todos, amigos queridos, cervejas geladas, ao tereré, as noites de longas conversas filosóficas, as festas, aos jogos do Timão, o fazer nada junto mais gostoso do mundo, noites lindas, dias inteiros, comida de mãe! Ao perfeccionismo carinhoso de cada um.

AOS MEUS HERÓIS: MINHA FAMÍLIA

Joaquim Leal, Maria Leal, Sueide Leal, Noé Franco, Marcel Leal, Mylla Leal, Rafael Leal, Maria Clara Leal de Sousa (Paixão da minha vida), Camila Leal de Sousa. À união, a grande família maravilhosa! A melhor, a MINHA!

AOS INCRÍVEIS

Elton Moraes, Lillyan Frez, Maiara Lemos e Renan Gomides. Pelo companheirismo, pelo perto ou longe, irmãos que escolhemos. Um amor em plenitude verdadeira. Por terem feito da faculdade uma festa.

A MADALENA MACHADO

Um exemplo de pessoa, com um conhecimento admirável. Só tenho a agradecer, pelo incentivo e por mostrar que as dificuldades podem ser vencidas com dedicação e que “o autor, não quis dizer nada”. Admiro muito.

AOS MEUS COLEGAS DE TRABALHO

Por terem compreendido as dificuldades, os atrasos e as saídas durante o expediente e pela preocupação. Por entender os momentos de nervosismo, pela força, incentivo e amizade! Em especial: William Roman, Sullivan Roman e Gustavo Augusto.

Ao todo que somos nós.

Às inspirações e aos inspirados!

*Assim, agradeço ao **TÉDIO**, a **TUDO** e a **TODOS**! Valeu!*

A SUEIDE FERREIRA LEAL

Confie na minha transparência. Sou eternamente explícita. Se não gosto, não faço charme. Doa a quem doer, minha sinceridade e bem-estar são colocados em primeiro lugar, não nego.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Trataremos neste trabalho da produção de sentidos dos neologismos encontrados na obra o Bem Amado, com o objetivo de analisar como essa construção de sentidos decorridas do neologismo ocorrem/proporcionam no uso da escrita. Para isso, são analisados que a memória discursiva possibilita essa construção de sentidos de um já dado, pois, a língua não é tomada pelo sujeito e sim, o sujeito é tomado pela língua. Deste modo, partiremos da linha teórica da análise do discurso, que consiste em analisar como um texto produz sentido a partir da estrutura da língua.

Palavras-chave: Memória discursiva; Falha; Língua.

ABSTRACT

In this work we will treat production of meanings of neologism found in the work “Bem Amado”, aiming to analyze like the construction of meaning arising from the neologism happen/provide in the use of writing. To that, are analyzed that discursive memory enables this construction of meanings of an already data, because, the language is not taken by the subject but, the subject is taken by the language. Therefore, we will start from of the theoretical line of discourse analysis, which consists in analyzing like a text produces meaning from the language structure.

Keywords: Discursive memory; Failure; Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DOS NEOLOGISMOS NA OBRA O BEM AMADO.....	03
1 - A FORMAÇÃO DO SUJEITO E DO SENTIDO NA ANÁLISE DE DISCURSO.....	03
2 – A ANÁLISE DO DISCURSO TRABALHANDO A HISTÓRI.....	10
2.1 – AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO.....	11
2.2 - A MARCA DA LINGUAGEM NA DÉCADA DE 1980.....	12
2.3 – UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
3 – NEOLOGISMO É NEOLOGISMO MESMO?.....	19
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Neste trabalho monográfico, conduzimos o nosso foco para a construção de sentidos através do neologismo os quais destacamos na obra *O Bem Amado*. O objetivo é evidenciar as construções de sentidos possibilitadas pelo neologismo que ocorrem no momento da fala/escrita. Esse processo se dá pela sociolingüística, porém, o que destacamos para o recorte do nosso trabalho é a produção de sentidos dada pela fala que por sua vez, se insere na Análise do Discurso. É pelo caminho da AD que encontraremos o *como* e o *de que modo* acontece a produção de sentido. Sabemos que os sentidos já estão dados, eles apenas se ressignificam, pois na linguagem nada se cria. Orlandi, 1996, afirma que: “*O trabalho do analista de discurso é mostrar como um objeto simbólico produz sentidos, como os processos de significação trabalham um texto.*” (p - 80.), a partir da colocação da autora, notamos que o simbólico não se priva apenas á escrita, ao contrário disso, se faz presente na língua como um todo.

Desta maneira, nosso material de análise se constitui na fala/escrita e para que se escreva é preciso redigir de acordo com as regras que circulam o escrever bem. Porém, este trabalho cabe a gramática realizar. Da mesma forma, os sujeitos também têm que seguir as regras, pois estão inseridos em uma sociedade regida por regras e leis. A proposta deste trabalho é colocar em cheque, que na verdade, não existe de fato o Neologismo, pois de acordo com a A.D nada se cria, tudo vem de um já dado. De tal forma, a memória discursiva nos apresentará isso e de que forma produzirá sentido. Observamos no trecho da obra a falha/memória discursiva em ação:

Odorico:_ Povo de Sucupira, meus conterrâneos, tomo posse como prefeito dessa cidade, com as mãos limpas e o coração nu, despido estripitisticamente de qualquer ambição de glória. Nesta hora exorbitante, neste momento extrapolante, eu ergo os olhos para o meu destino e vendo no céu, a cruz de estrelas que nos protege, peço a Deus, que olhe para nossa terra, abençoe a brava gente de Sucupira e o meu governo, para que juntos, possamos transpor a região do sol.

Sabemos que enquanto leitores o sujeito está ligado à linguagem e suas respectivas falhas de forma que nos sujeitamos à interpretação e a Análise do Discurso. Dessa forma, para compreender o contexto físico e histórico onde o discurso se insere é de suma importância compreender as formações discursivas e as interpelações ideológicas,

para então dar início a confecção da análise.

Assim sendo, observamos que no discurso não há início, meio e fim, pois não se finda a interpretação, nem o sentido por não ter um ponto final definitivo, levando-nos de tal maneira a reflexão. As palavras quando pensadas pela A.D, deixam de ter um sentido restrito, podendo sempre produzir sentidos diferentes, se as olharmos de diferentes ângulos e esse é o ponto de vista que dá o ponto de partida ao objeto de pesquisa, mostrando que mesmo a linguagem não sendo transparente ela produzirá sentido.

1. A FORMAÇÃO DO SUJEITO E DO SENTIDO NA ANÁLISE DE DISCURSO

A autora que lançou a Análise do Discurso no Brasil foi Eni P. Orlandi, ela é autora de inúmeros livros, mas para a construção deste trabalho partiremos do livro *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*, no qual a autora coloca que a Análise do Discurso não tratará da língua e nem da gramática, ela trabalha com a possibilidade de sentidos, portanto, o foco é o discurso, pois, ele (o discurso) se significa na/pela língua. Então, sabemos que só há discurso pela língua, com esse intuito o de mostrar como, segundo a autora, a língua é tomada por uma possibilidade de materialidade que vai significar.

Portanto, pretendemos neste trabalho, investigar as relações de construção dos sujeitos e os sentidos na Análise de Discurso. A nosso ver, há uma sobreposição entre a produção de sentidos e a construção do sujeito que ocorrerá nesse indivíduo, pois, somos sujeitos a partir da língua. Designadamente, nosso empenho está em verificar como a construção de sentido está absolutamente ligado ao sujeito, para isso faremos uso de dois conceitos da Análise de Discurso, o sentido e o equívoco.

Pretendemos então, verificar as relações de construção entre o sujeito e sentido na Análise de Discurso. Apresentamos para este estudo os conceitos de Ideologia e Significante que vão nos levar até essa construção do sujeito. Observamos que este processo de construção do indivíduo em sujeito está diretamente unido à questão do sentido, devido o ele (o sujeito) se significar somente através dos sentidos e ser definitivamente oriundo dele. Como já colocado antes, lembramos que estes métodos que faremos uso o equívoco e a falha, não se dão de maneira constante, sem desvios; pelo contrário, eles tornam o trajeto do sujeito falho e propício ao equívoco, espalhando - se pelo caminho. Dessa maneira, a formulação determinada pelo sujeito é constituída a partir da memória do dizer, acarretando a intervenção no histórico-ideológico, pois, é através da formulação que a linguagem ganha vida e junto com ela, a memória se atualiza pelos dizeres outros agregados e o sujeito se expõe se constituindo como sujeito através da formulação. Nesse sentido Eni Orlandi coloca que:

Formular é dar corpo aos sentidos. E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história

para significar, tem seu corpo adotado ao corpo dos sentidos. Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. (Orlandi, 2001. p.9)

Então, não há corpo que não se constitua sem que essa formulação aconteça, pois não existem sujeitos que não sejam investidos de pela ideologia.

Nesse contexto, o que destacamos é a palavra em si e não a reflexão formulada por ela, sendo ela (a palavra) que está assumindo uma corporeidade, que vem a ser de suma importância no momento em que o sujeito profere a fala. No momento em que colocamos corporeidade, é no sentido de se concretizar a palavra no instante em que é pronunciada. Sendo assim, sabemos que o sujeito é determinado pela exterioridade, mas é somente na forma sujeito-histórico, ele (o sujeito) parte do capitalismo, e de que forma? O sujeito toma a língua para si, como se fosse de sua propriedade, determinando o que diz, mas na formulação isso funcionará pela falha causando a contradição de a língua não é propriedade de ninguém, o sujeito é tomado por ela (a língua) e não a toma como sua propriedade.

A idéia é exposta através do discurso e por meio dele ocorre à falha, a ideologia e a história também vêm através da expressão falada no discurso, mas é pela falha que se produzira o sentido, um ato que ocorre no inconsciente do sujeito e ainda assim, vai significar. Por isso, o falante se desloca e se transforma através do discurso. Em face disso, não se trabalha o discurso pelo sistema e nem de forma abstrata, o que importa para nós enquanto analista é a língua enquanto mundo e significado, falado pelo homem e produzindo sentido em sua vida. A materialização da língua se faz pela colocação do discurso e segundo Eliana de Almeida:

Uma língua, cuja materialidade significante é capaz de deslizamento e jogo e que trabalha nela mesma a constituição do sujeito e dos sentidos. Esse lugar estruturante da língua eu produz o real e o sujeito impõe o jogo espetacular como funcionamento discursivo próprio da língua e do sujeito, de modo que as falhas constitutivas dessa ordem estruturante reproduzem-se-lhes em falta e incompletude. (Almeida, 2011. p -105.)

A falha é, portanto, a extensão onde o pronunciado está apto para tornar-se outro, diferenciado de si mesmo, se movendo no discurso. O equívoco é o espaço onde se tentam assuntos que provém do sentido e da construção adequada da subjetividade. É pelo e no equívoco/falha que os sentidos deslizam à alteração. Nesse sentido Orlandi coloca que:

A língua é capaz de falha. Essa possibilidade - a da falha - é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz o equívoco. Este se dá, portanto, no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história. (ORLANDI, 1999, p.13)

O equívoco vem então, por ser a falha da língua na história devido no momento do discurso o sujeito não entrar nenhuma palavra em sua memória e proferir outra.

Em nossa pesquisa temos o discurso enquanto funcionamento simbólico significando, observaremos na obra em estudo “Discurso e Texto” não os conceitos de mundo, nem sua organização textual, mas sim suas significações no momento em que esses funcionamentos são empregados. Dessa maneira, Orlandi apresenta que:

A incompletude é característica de todo o processo de significação. A relação pensamento/linguagem/mundo permanece aberta, sendo a interpretação função dessa incompletude, incompletude que consideramos como uma qualidade e não um defeito: a falta, como temos dito em abundância, é também o lugar do possível na linguagem. (Orlandi, 2001.p.19)

Um ponto importantíssimo é deixar claro que o discurso não considera a linguagem transparente, ela a língua é opaca e por isso, fazemos a travessia pelo texto, para compreender como se dá os efeitos dos sentidos.

A leitura também não é transparente, ela se articula em meio aos sentidos, e deste modo, a A.D coloca a interpretação em questão, investigando o real do sentido e não o sentido verdadeiro, pois, o que é verdadeiro e comprovado de fato não nos interessa, o que o analista busca são as possibilidades de significação dos sentidos e juntamente os meios e os mecanismos que levaram a tal interpretação. Então não há uma verdade por trás dos textos, o que há, são mecanismos que nos levam a interpretação e o mais importante que isto, é saber como ele produziu o sentido.

Em relação à interpretação, ela é que submete o sujeito a noção de ideologia, então o sujeito através da interpretação este se significando e desse modo ele (o sujeito) significa. O sujeito, não pode simplesmente não significar ou fazer significar-se, mas sim levá-lo ao que isto quer dizer, esse quer dizer acontece com a interpretação feita por ele. Sabemos que, o que o autor quis dizer já está dado, o que se deve ser feito é a interpretação do que está lá, pois, o autor na verdade nunca quer nos dizer nada, já está posto na obra, é nessa passagem que o sujeito encontra a interpretação e a significação do objeto para ele. Orlandi, (2001) mostra que, o sujeito é a interpretação, ou seja, fazendo significar, ele significa. Coloca que, *“É pela interpretação que o sujeito se*

submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo.” (p.22). Nessa construção notamos que o sentido já está lá, a ideologia vai se marcar pela definição do conteúdo (a histórica), pois, determina como o texto produzirá sentido por meio da interpretação realizada pelo sujeito.

Com isso, o discurso está sujeito a se tornar outro devido estar sendo interpretado de outra maneira, deslocando-se de um sentido e derivando para outro. Neste caso, temos funcionando este caso também o do deslocamento a metáfora que é resultado do deslizamento de uma palavra outra a uma imediata, pois, o sentido consistirá no mesmo, ou distinto, porém, procedente do mesmo que se significará originando a metáfora. *Do mesmo modo, falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Este deslizamento, a metáfora, própria da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade.* (Orlandi, 2001, p - 24). A metáfora, no entanto, não é uma ferramenta lingüística, ela acontece inconscientemente do sujeito e mesmo ocorrendo dessa forma, acaba por ser utilizada sem que seja observada no dia-a-dia dos falantes, mas se tornou um meio de conversação de suma importância para os humanos. Os sujeitos inseriram com tanta frequência a metáfora no discurso, que é praticamente impossível falar e pensar sem utiliza - lá (a metáfora), mesmo que inconscientemente. Ao mesmo tempo, que o sujeito constrói um sentido, a metáfora também o fará, em relação a isso Orlandi enfoca que:

O equívoco nos remete ao modo de funcionamento da ideologia: o que está presente por sua ausência necessária. O equívoco é estruturante e não de conteúdo. Todas essas características do sujeito e do sentido, funcionando ideologicamente, devem ser tomadas em conta pelo dispositivo do analista. De tal modo que o apagamento das evidências produzido pelo dispositivo do leitor. (Orlandi, 2001.p. 25).

Desta maneira, em diversas ocasiões, os falantes por serem tomados pela língua não escolhem como se anunciar, ocorre como já dito antes, pela memória e a ideologia, e é na metáfora que a falha acontecerá. Então, acaba que inconscientemente o falante insira a metáfora seja nas frases ou no discurso, mesmo com essa falha ela significará e seu sentido estará subentendido, pois, o discurso está sujeito a se tornar outro, deslocando-se de um sentido e derivando para outro.

Seguindo veremos como funciona a ideologia e a teoria. O sujeito é notado da ideologia. A teoria, aceita que transponhamos as fronteiras de distintas formas discursivas, pelo processo de identificação o sujeito se registra com pelas palavras que lhe surgem de modo natural. “- *Os gestos de interpretação são carregados de uma relação da língua com/ sobre a língua – interpretar é dizer o dito – que, entretanto*

aparece como o grau zero do dizer, ilusão de uma relação direta das palavras com as coisas.” (Orlandi, 2001.p.27). Sendo assim, interpretar vem a ser tudo o que está posto, mas de outra forma com palavras diferentes, ou seja, “Nossas palavras falam com (outras) palavras.”, assim o discurso está passível a se tornar outro, deslizando-se de um sentido e derivando para outro.

A finalidade da Análise de Discurso não é descrever, nem mesmo interpretar, e sim compreender como significa e quando significa, será nesse processo, o da significação que trabalhamos o texto e os mecanismos, que irão resultar nesse funcionamento. Neste sentido Orlandi expõe que:

O dispositivo ideológico de interpretação do sujeito vem carregado de uma memória (uma filiação nas redes de sentidos – o interdiscurso) que, entretanto, aparece negada como se o sentido surgisse lá. Isto porque a memória discursiva (o interdiscurso) se estrutura pelo esquecimento: esquecemos como os sentidos se formam de tal modo que eles aparecem como surgindo em nós. Este dispositivo ideológico da interpretação funciona no espaço da relação linguagem/mundo. (p.28)

Dessa forma, o homem se desloca e se transforma através do discurso, então, não se trabalha o discurso pelo sistema e nem de forma abstrata, o que importa aqui é a língua significando, falada pelo homem, produzindo sentido em sua vida. Se produz sentido, significa.

Em relação à escrita, já sabemos que a linguagem não é transparente, este é o princípio da Análise do Discurso. Neste seguimento, não analisaremos a textualização do discurso político da obra, mas a política da língua que se concretiza na formulação do texto, assim, a interpretação toma forma na textualização do discurso.

A autora coloca que: [...] *o objetivo é a análise da prática política da produção do sentido em que não viso a passagem da opacidade para a transferência da opacidade para a transparência [...]* (Orlandi, 2001. p.35), então o que Orlandi propõem é que a significação compreenda enquanto prática ideológica, ou seja, interpretativa.

A escrita é tão importante quanto à teoria, pois faz a relação entre o dispositivo e a compreensão do elemento simbólico pelo sujeito, tornando para o leitor uma compreensão mais fácil no momento da sua própria interpretação. Então:

“A escrita da Análise do Discurso, por sua vez, invertendo o percurso que acabamos de apresentar, liga o texto ao discurso, este às formações discursivas e estas à ideologia permitindo ao analista em primeira instância e, ao seu leitor, em decorrência, acompanhar o trajeto em que se estabelecem os sentidos e os sujeitos pela inscrição da língua na história.” (Orlandi, 2001. P - 51).

Com isso, entendemos de que maneira o deslocamento liga o texto ao discurso,

seguindo também o caminho no momento em que se estabelecem os sentidos e os sujeitos pela língua. O sujeito passa a ser visto em sua natureza heterogênea, onde o “eu” deixa de ser o centro e senhor de si mesmo pela simples ocorrência de que o sujeito não é senhor de nada, já que os “outros” discursos passam através da língua a fazer parte da sua identidade.

Em relação à leitura do discurso/texto, o interdiscurso é o conjunto de fala já falado e por ventura esquecido, mas que está gravado na memória da língua, que vem a determinar o que dizemos. Assim: *“A língua funciona ideologicamente e com isso abre brechas para as falhas e equívocos, a memória tem características que quando pensadas em relação ao discurso e nessa visão ela é tratada como interdiscurso, é o que chamamos de memória discursiva.”* (Orlandi, 2001. P - 65), ou seja, o sujeito é constituído a partir daquilo que diz.

Essa memória vem com a história, materializando-se na língua, pois, tudo o que o leitor venha a ler, fica arquivado em sua memória discursiva, e acaba por ser esquecido, retomando quando necessário, vai se ressignificar através da colocação no discurso. Ou seja, o que é dito em outro lugar acaba por significar nas nossas palavras, sendo que para um contexto fazer sentido é preciso que minhas palavras já façam sentido. E passará a significar justamente pelo modo que as inserimos na língua e na história, assim significam e não só porque o falante quer e sim porque já está na memória discursiva.

Através da leitura é que o sujeito consegue interpretar e compreender, através da A.D conseguimos romper os efeitos do óbvio, dessa maneira Orlandi, 2001, afirma: *O mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores. (p - 62)*

Com isso, percebemos que há história na leitura do texto e há história de leitura dos leitores na leitura pelos já dados anteriormente, assim o sujeito leitor já trás consigo essa materialidade da língua que vem a ser uma decorrência causada pela interpretação.

Colocado de outra maneira, a Análise de Discurso, de um lado, questiona a lingüística que elimina o que é histórico-social ao refletir a linguagem, de outro lado vem discutir as ciências sociais no conceito em que estas não avaliam a linguagem em sua materialidade, somente no que ela é.

O texto e o discurso são uma parte muito importante de nossa análise. O texto é o objeto de análise que para o leitor é feita de som, imagem com um meio, começo e fim. Segundo a autora, *“Nesse sentido é que temos afirmado que o texto pode ser considerado como uma “peça” no sentido de engrenagem. É uma peça que tem um jogo, jogo que permite o trabalho da interpretação, do equívoco.”* (Orlandi, 2001. P - 65). Percebemos com essa afirmação, que até mesmo na falha funcionando no discurso significará independente da vontade do sujeito.

A leitura por sua vez, é idealizada pelo trabalho simbólico e dessa maneira há várias leituras possíveis, sabendo que o sujeito será responsável pelo que diz. Em face disso Orlandi adverte que:

Do ponto de vista da variação, ainda que o sujeito repita o mesmo, já é outro texto, outra formulação, mesmo que não mude a posição do sujeito em relação à ideologia. (Orlandi, 2001. P - 65)

O sujeito mesmo que no caso do plágio, está mantendo a função discursiva, pois mesmo eu seja algo já dado o sujeito que faz uso desta prática ainda é sujeito. Isto vem retomar ao que falamos antes, que o discurso, a ideologia e a língua a materialidade de uma depende da outra.

Após apontar e explicar diferentes maneiras de funcionamento do discurso, Orlandi garante não possuir um discurso que seja ingênuo. Pois, *“discurso tem um funcionamento dominante autoritário, ou tende para o autoritário”* (Orlandi, 2001. p - 87), sendo o texto atravessado por várias noções discursivas. Orlandi coloca ainda, que há alterações muito claras entre o autoritário, lúdico e ideológico, pois o corpus se organiza em face do ponto de vista. Para isso, volta à maneira como a Análise do Discurso vem conceituar o sujeito: *“linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia”* (ORLANDI, 2001, p. 91). Então, todo objeto simbólico produzirá sentido, sabendo que o sujeito de linguagem não precisa de começo- meio – fim, pois o sentido que o discurso produzira é infinito. Então, a falha e o silêncio produzindo sentido, um exemplo compreensível é: um cantor brasileiro que canta MPB escreve uma música em inglês e ela mesmo assim significa. Dessa maneira, os sentidos nunca se fecham, mesmo que um texto termine, ele terá a possibilidade de produzir muitos outros sentidos.

As metáforas transmitem conhecimentos indiretamente para os falantes. Um discurso interessante ignora qualquer bloqueio ou oposição consciente que se intrometa no pensamento inconsciente dos seres humanos, onde procura inconscientemente por

um significado. Então, para que fique claro tomamos como exemplo: as fabulas, têm um impacto muito grande nas crianças, pois elas precisam inconscientemente buscar significados para as metáforas, para que ocorra a compreensão. A metáfora acontece no momento em que o sujeito ao se comunicar com o outro, busca na memória, a palavra para que seja inserida na fala, nesse momento não há encontra, acontecendo a falha no discurso. Enquanto o falante escuta a metáfora, a sua mente já começa a trabalhar inconsciente navegando na memória à procura pelo significado para que haja a compreensão.

As metáforas funcionam na/pela língua, pois é algo que ocorre dentro da língua e não fora dela. Estão incluídas nas intervenções cognitivas com diversas funções, é por meio delas, dentre outras ocorrências, que possibilita entender um elemento dado em significação de termos distintos que esclarece como e de que forma acontece, para o fim de se chegar mais perto de uma compreensão, pois, as metáforas estão presentes em todos os discursos que atravessam nossos dizeres, sejam da vida profissional ou do dia-a-dia comum.

Dessa maneira, o que colocamos em destaque é que o inconsciente, ele é a atividade onde sinaliza no sujeito o equívoco de que pode ser senhor de si mesmo e dos seus dizeres, a contradição de constituir sobre si mesmo um saber total. Também, observamos de que forma ocorre a falha e de que maneira ela significa no discurso. Procuramos mostrar a importância do processo neológico na construção de sentidos, como veremos nos próximos capítulos.

2. A ANÁLISE DO DISCURSO: TRABALHANDO A HISTÓRIA

A A.D foi iniciada por Michel Pêcheux que coloca o conceito de história é de suma importância à Análise do Discurso. A Análise do Discurso entre todos os seus conceitos entende que a história é o meio que constitui a língua, a qual o sujeito inconscientemente, é determinado. Essa relação mutua, vem a ser consequência da língua, como materialidade, que acumula em si o histórico pelos fatos que acontecem e o lingüístico pelas acomodações dos significantes, isso vai configurar o modo como o sujeito é determinado e como se materializa a fala.

Refletida dessa maneira, a história não pode ser idealizada como cronologia ou como progresso, pois sua essência está relacionada com o sentido. Com isso, as

oportunas condições sóciohistóricas estabelecem interpretações diferentes com o passar dos tempos e quando cada leitura é refeita. Assim, a ligação da afirmação de Paul Henry, a história não é um avanço nem vem a ser cronológico e sim o sentido:

(...) é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário, não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso. Isto vale para a nossa história pessoal, assim como para a outra, a grande História. (HENRY, 2003: p - 51-52)

Observamos que a história é um sentido à espera de atualização, pois a cada reflexão em relação a ela (a história) vamos inserir novos sentidos, arranjos, ampliação ou retirar algumas colocações e interpretação. Então, o que se aguarda, é uma nova interpretação vinda dos sujeitos.

Para Análise do Discurso, a história é a produção de sentidos e com isso, não vem a ser um contexto ou explicação, muito menos cronologia. A interferência da história no falar vem fazer com que o sentido seja provido de circulação, isso acontece por meio dos métodos sociais e os significados. Portanto, na Análise do Discurso, entre a língua e o discurso o que importa é o objeto de análise, não importando de que posição se profira o discurso, as palavras vão se significar. Segundo Suzy Lagazzi:

A perspectiva discursiva materialista pensa a leitura como um processo constituído ideologicamente, o que significa dizer que sempre lemos de uma determinada posição, diferente de outras. Não há como falar não importa que posição. Nossas palavras significam em um determinado trajeto histórico, em meio a outros trajetos. (LAGAZZI, 2011. p – 277).

Dessa maneira, a história não está fora do discurso, esta nele (no discurso) que por sua vez, será responsável por constituir o sentido.

Lembramos então, que refletir a língua, é, portanto, tomar a história como materialidade da língua e levantar a hipótese que tanto uma quanto a outra, não se apresentam claras, nem imparciais, estão sempre juntas, mostrando que a partir delas que haverá a ação da ideologia no discurso. Ressaltamos ainda, que a ideologia transforma os indivíduos em sujeitos, pois, os sujeitos existem a partir da língua. Essa transformação só é possível pelo assujeitamento do indivíduo à língua, um

procedimento gerado na história.

À A.D, preocupa - se em observar as falhas, os equívocos e as possibilidades de sentido que se dão pela/na língua constituída na história. A falha é característica do simbólico, já o equívoco é produzido quando inseridos da língua no histórico, um espaço de dizeres contrários que leva ao ideológico. Então, não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem discurso.

2.1. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Pêcheux, em suas análises verificou quais as relações entre o discurso, à formação social e a ideologia. Para o autor, esse procedimento histórico-social tem ligação direta na produção da fala, de forma que se origina a organização do discurso. A partir desses acontecimentos, isso causará uma repercussão muito grande no conceito de enunciação, indo ao encontro ao que Pêcheux coloca, *“Voloshinov vai mostrar que a enunciação é um fenômeno social e não individual. A palavra, segundo ele, é basicamente ideológica e esta determinada por quem a emite quanto para quem é emitida.”* (Orlandi, 1983. p – 60.).

Então, as condições de produção permanecem incluídas às ocorrências de enunciação, porém em sentido rigoroso ou ainda, de outra maneira num contexto fechado, ou seja, as condições de produção, bem como, o contexto sócio-histórico e ideológico, no qual o personagem da obra em estudo *“O Bem Amado”* Odorico Paraguaçu está inserido.

Com isso, é de sumo interesse compreender as afinidades viventes em meio ao sujeito e a ideologia, apreendendo como irá funcionar o discurso. A composição de um elemento no discurso permitirá que *“remeter o dizer a outras filiações de dizeres, a uma memória e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância mostrando seus compromissos políticos e ideológicos”* (ORLANDI, 2000, p.32).

Então, Orlandi nos leva a refletir que, quando nos referimos à memória em inclusão ao discurso como o “já dito”, é necessário diferenciar as duas formas de esquecimento que estão presentes no discurso, pois, isso faz com que o sujeito não tenha ingresso às condições concretas de produção do próprio discurso, por passar pela inconsciência, pois, é nesse processo inconsciente que acontece a falha. Assim:

“A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos

transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Dito de outra forma, esse esquecimento é apontado por uma brecha, podendo conduzir a memória a dissipar-se, visto que, seja possível estabelece uma memória social qualquer.

Deste modo, o sujeito falante acaba por se esquecer da formação discursiva da qual ele faz parte, e isso o “esquecer”, da ao sujeito a ilusão de que ele é a origem do que diz que ele é o criador de tudo. Como já dissemos antes, o indivíduo toma a língua para si, como se fosse dono dela (a língua) de forma que ela venha somente dele e não o sujeito que vem da língua.

O raciocínio mais simples, que se refere às condições de produção, envolvem primeiramente, os sujeitos e as condições (ORLANDI, 2000). Então, ao criar discursos é muito importante advertir que o papel da memória será incluído ao discurso e será recebido como interdiscurso.

2.2. A MARCA DA LINGUAGEM NA DÉCADA DE 1980

Nos anos 80, entre todos os acontecimentos um em particular contribuiu muito para linguagem. Após anos de pesquisa foi publicado um Dicionário mostrando a língua como ela é, com mais de 62 mil verbetes sobre o português falado no Brasil.

A publicação deste dicionário contribuiu muito para os professores e estudantes universitários, jornalistas, advogados e todo aquele que almeja escrever melhor, então havia surgido uma nova ferramenta de trabalho: o Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco da Silva Borba, docente aposentado da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Resultado de duas décadas de pesquisa, a obra, ao contrário de outros dicionários, como Aurélio, Houaiss e Michaelis, inclinou-se sobre a língua como ela se evidencia, de fato, no Brasil. “É o primeiro dicionário elaborado a partir de uma pesquisa acadêmica desenvolvida em uma universidade”, esclarece o autor.

Publicado pela Editora Ática, o Dicionário tem 1.688 páginas e reúne mais de 62 mil verbetes, que mostram a língua efetivamente usada no País. “Não é um dicionário normativo, mas descritivo. Não busca, portanto, estabelecer o certo ou o errado, mas espelhar como as palavras circulam entre nós”, explica Borba. “Por isso, apresenta mais acepções que outros dicionários. E todas com exemplos. Isso permite entender melhor o

uso de cada palavra, que é inserida em diferentes contextos sociais e lingüísticos.”

A questão tomada como ponto de partida para o Dicionário foi um banco de dados conhecido como Corpus de Araraquara, localizado no Laboratório de Lexicografia da FCL, formado, organizado e dirigido por Borba há duas décadas. A publicação apareceu a partir das 77 milhões de ocorrências em textos de literatura romanesca, jornalística, técnica, dramática e oratória do Corpus, que inclui, por exemplo, sete milhões levantadas em quatro anos de publicação da revista Veja (1992-5) e mais 59 milhões correspondentes a dois anos de publicação do jornal Folha de S.Paulo (1994-5), além de publicações como O Estado de S.Paulo e revistas e periódicos das capitais de outros Estados, desde 1950. “Atualmente, temos mais de 200 milhões de ocorrências, ponto de referência essencial para novos trabalhos na área lexicográfica”, completa.

Então, observamos que o autor Dias Gomes quando escreveu a obra O Bem Amado, fez uso dessas recorrências, pois, já eram utilizadas na língua falada. Porém, foi adepto da sátira para dar um tom de humor na obra, porque foi publicada na época em que a censura estava no auge.

A questão que mais se destaca na análise é que, nos deparamos que não existe de fato o Neologismo, neste trabalho observamos atentamente que não há nada de novo, tudo o que estamos analisando já está dado pela memória, e é através dela que se é possível que se crie uma palavra a partir de uma que já exista, apenas com outro significado. No momento em que o autor coloca a palavra “pratrasmente” ela vem a partir de “para trás”, então ela não é nova, apenas dada pela memória por meio de um já dito. Orlandi coloca que “[...] língua funcionando para a produção de sentidos”. Isto permite analisar as unidades além da frase, ou seja, o texto. (Orlandi, 1999, p.17).

2.3 UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

No capítulo I colocamos em evidência a história da Análise do Discurso, pois os sentidos se constituem na história. Não se trata de trabalhar a historicidade, ou seja, refletir, mas sim trabalhar a historicidade do texto, assim, aborda compreender como a matéria textual vai determinar os sentidos.

Sabemos que há uma combinação entre a história exterior e a historicidade do texto e os sentidos que há nele, mas ela não vai direto ao ponto, nem é espontânea. Pois,

admitimos que esta analogia seja mais difícil do que anseiam as teorias da exatidão, e que deixam que o leitor pense que a análise de discurso que praticamos nota-se nos textos os teores da história. Nesse sentido é que afirmamos que, entre a ênfase baseado na experiência e a veracidade da estimativa formal, há um lugar menos aparente, menos evidente, mas ao mesmo tempo relevante, que é a da materialidade histórica da linguagem. “*Na perspectiva do discurso, o texto é lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade.*” (cf. E. ORLANDI, 1983, p.204-205). O texto é o lugar para refletir sobre isso.

O objetivo da Análise de Discurso é entender como um texto trabalha e como ele determina os sentidos, sendo ele idealizado enquanto objeto linguístico-histórico. É por esta razão que iremos apresentar um breve contexto histórico do autor e o que acontecia na época em que a obra foi criada e que sentidos ele buscava para levar até os leitores da época e também para os leitores futuros.

Apresentamos então, Alfredo de Freitas Dias Gomes, mais popular como Dias Gomes, nasceu em Salvador, no dia 19 de outubro de 1922, veio a óbito em São Paulo, em 18 de maio de 1999, quando o táxi que o levava se envolveu em um acidente. Foi um dramaturgo e autor de telenovelas. Primeiramente um homem de teatro, que aos 15 anos escreveu sua primeira peça, A Comédia dos Moralistas, com a qual ganharia o prêmio do Serviço Nacional de Teatro, no ano seguinte. Em 1942, sua peça “Amanhã Será Outro Dia” chega às mãos do ator Procópio Ferreira que, empolgado com a qualidade do texto, chama o autor para uma conversa. Ainda que tivesse gostado do que leu, abordava um drama antinazista e Procópio achava arriscado levar à cena um espetáculo desse porte em plena Segunda Guerra Mundial. Quando questionado se não teria outra peça, uma comédia talvez, Dias lembrou-se de Pé de Cabra, uma espécie de sátira ao maior sucesso de Procópio até então, e não hesitou em levá-la ao grande ator que, entusiasmado, comprometeu-se a encená-la. Sob a alegação de que a peça possuía alto conteúdo marxista, Pé de Cabra seria proibido no dia da estréia.

Curioso notar que, embora anos depois o autor viesse a se filiar ao Partido Comunista Brasileiro, até então Dias Gomes nunca havia lido uma só linha de Karl Marx. Graças à sua influência, Procópio consegue a liberação da peça, mediante o corte de algumas passagens, e a mesma é levada à cena com grande sucesso. No ano seguinte, Dias Gomes assinaria com Procópio aquele que seria o primeiro grande contrato de sua carreira, no qual se comprometia a escrever com exclusividade para o ator. Desse período nasceram Zeca Diabo, João Cambão, Dr. Ninguém, Um Pobre Gênio e Eu

Acuso o Céu.

Algum tempo depois, infelizmente nem todas as peças de Gomes foram encenadas, pois logo Dias e Procópio se estranharam por sérias divergências políticas. Refletindo o pensamento da época, Procópio não era de acordo com as preocupações sociais que Dias persistia em discutir em suas peças. Essas diferenças induziram o autor a se afastar temporariamente dos palcos e ele passou a se destinar ao rádio. Foi no envolvente mundo do radiofônico que Dias Gomes tomou contato pela primeira vez com aquela que viria a se tornar sua primeira esposa, a então desconhecida Janete Clair. Com ela, teria três filhos: Alfredo Dias Gomes, Guilherme Dias Gomes e Denise Emmer.

Desde 1944 a 1964, Dias Gomes adaptou cerca de 500 peças teatrais para o rádio, o que lhe proporcionou um determinado conhecimento da literatura universal. Em 1960, Dias Gomes volta aos palcos com aquele que viria a ser o maior êxito de sua carreira, pelo qual se tornaria internacionalmente conhecido: O Pagador de Promessas. Adaptado para o cinema, O Pagador seria o primeiro filme brasileiro a receber uma indicação ao Oscar e o único a ganhar a Palma de Ouro em Cannes. Em 1965, Dias assiste, perplexo, à proibição de sua peça O Berço do Herói, no dia da estréia. Adaptada para a televisão com o nome de Roque Santeiro, a mesma seria proibida uma década depois, também no dia de sua estréia. Somente em 1985, com o fim do Regime Militar, o público iria poder conferir a novela - que, diga-se de passagem, viria a se tornar a maior audiência do gênero.

Com a implantação da Ditadura Militar no Brasil, em 1964, Dias Gomes passa a ter suas peças recriminadas, uma após a outra. Foi demitido da Rádio Nacional, pelo seu envolvimento com o Partido Comunista, não lhe restava outra saída senão aceitar o convite de Boni, então presidente da Rede Globo, para escrever para a televisão. De 1969 a 1979 Dias Gomes dedica-se excepcionalmente a televisão, no qual demonstrara extraordinário talento. Em 1972 Dias Gomes levaria o povo para a televisão ao ambientar Bandeira 2 no subúrbio carioca. Em 1973 historiou a primeira novela em cores da TV brasileira, O Bem Amado. Em 1974 já falava em ecologia e no desenvolvimento tumultuado da cidade com O Espigão. Em 1976, com Saramandaia, abordaria o realismo fantástico, então em moda na literatura. O fracasso de Sinal de Alerta, em 1978, leva Dias a se afastar do gênero telenovela temporariamente. Ao longo de toda a década de 80, Dias Gomes voltaria a se dedicar ao teatro, escrevendo para a televisão esporadicamente.

Datam desse o período os seriados *O Bem Amado* e *Carga Pesada* (apenas no primeiro ano), e as novelas *Roque Santeiro* e *Mandala*, das quais escreveria apenas parte. Viúvo de Janete Clair, que morreria um ano antes, em 1984 Dias casa-se com a atriz Bernadeth Lyzio, com quem tem duas filhas: Mayra Dias Gomes (escritora) e Luana Dias Gomes (atriz). Nos anos 90, Dias Gomes viraria as costas de vez para as telenovelas, dedicando-se única e exclusivamente às minisséries. Em meio à preparação de mais um trabalho para a televisão, a minissérie *Vargas* - baseada em sua peça *Dr. Getúlio, Sua Vida, Sua Glória* -, Dias Gomes morre num trágico acidente automobilístico, ao sair de um restaurante no centro de São Paulo.

Está é uma forma resumida sobre a vida e obras de Dias Gomes. Mas, o que colocaremos em destaque aqui é a preocupação do autor em levar até os leitores e por vir, expectadores, de forma teatral ou televisiva o que realmente acontecia em meio à sociedade no ano de 1974, quando apresenta a obra *O Bem Amado*.

Em meio a esta época, com um bom humor Dias veio apresentar *O Bem Amado*, em sua menção irônica, modificou aos poucos, pela frequência com que visitou os morada dos brasileiros, na imagem do político a quem o autor deixou que o povo punisse, mesmo que somente por meio do riso. Antes de seguir o curso de Odorico Paraguaçu, contamos acontecimentos da vida de seu fundador, com a intenção de trazer os sinais que a batalha contra a presença persistente da repreensão, e a ofício da liberdade e de uma qualidade melhor de vida, deixou inscrito em sua carreira intelectual contribuindo com a cultura brasileira, em seus diversos meios de expressão. Meios de expressões as quais são o nosso objeto de análise.

Observamos que “a história da peça *Odorico, O Bem Amado*” espelha a própria história de seu autor: tantas vezes foi alterada, renomeada e interdita, como ele tantas vezes teve que mudar o rumo de sua vida, trocar de nome, sofre perseguições, cassações, interdições. Só numa coisa diferem com certeza criatura e criador: se no primeiro caso o codnome *O Bem Amado* indica ironicamente um simpático *mau-caratista*, como diria Odorico na língua que o caracterizou na televisão, *emboramente* tendo seu nome *gravado nos anais e menstruais da História de Sucupira*, o segundo identifica o escritor sério e competente que integra o quadro da dramaturgia nacional.” (Dias, 2009. p – 31). Essa obra idealiza um momento admirável por ter passado por várias adequações para linguagens diferentes. Pois, o sujeito é mestre de seus dizeres e determina o que diz, mas será apontado pela exterioridade na relação com os sentidos.

3. NEOLOGISMO É NEOLOGISMO MESMO?

O objeto de pesquisa a obra *O Bem Amado*, não foi escolhido por acaso, em meio às leituras escolhidas para o tempo vago e entre às leituras literárias, esta em especial me chamou atenção, pelo simples fato de ter palavras um tanto intrigantes, que despertou a curiosidade de saber o porquê de estarem ali e empregadas de tal modo. O curioso na verdade, foi o fato de serem palavras já conhecidas, porém, com sentidos diferentes e usadas em tal contexto. Desta forma, fui buscar o significado de algumas delas e essa busca me levou ao neologismo. Então, todo o problema se iniciou, lembram-se da história de João e Maria? Pois é, entrei na floresta de mãos dadas com a Análise de Discurso, o que acarretou em outra pergunta, o Neologismo é mesmo a criação de algo novo?

Em meio á língua, as variações se tornaram um objeto de pesquisa de vários estudiosos, que juntos uniram-se em uma ciência chamada de **sociolingüística**. Temos conhecimento de que a língua não é fechada e isso é o que causa a variação. Sabemos também, que a língua é regida por normas, assim como nós (pessoas) somos regidos por leis, porém a língua não se reduz à norma “cultá” ela (a língua) se concebe também por um conjunto de variâncias em relação às normas e no ambiente da enunciação os espaços das línguas se dividem.

Pensando então, na possibilidade de deslizamento da língua, o que seria o neologismo? Este termo é conceituado através da sociolingüística, como a criação de uma nova palavra que se dá a partir de outra que já existe. Sendo assim, tomamos os trechos da obra onde mostram essa colocação do neologismo:

ODORICO

Sei. Parece que o senhor teve um desaguisado com o finado Coronel Lidário... Mas o acontecido prastramente não conta. O que vale é o que o cidadão possa fazer prafrentemente. (Gomes, 1962, p.37)

ODORICO

Dirceu Borboleta está meio gira. O que ele fez já é uma prova de desmiolamento. Matar a mulher, que era uma santa, com seis tiros, só um louco faz isso. Além do mais, vocês sabem, ele tinha a mania de caçar borboletas. Era um borboletista juramentado. Passava o dia todo com aquela rede, pelos matos, borboletando, nem ligava pra mulher. De-repentemente... vocês não acham que tudo isso são sintomas de loucura? Vou chamar um especialista da capital e vocês vão ver. (Gomes, 1962, p.69)

A partir deste trecho da obra, podemos perceber que o neologismo se dá quando o sujeito quer se expressar de alguma forma, mas não encontra em sua memória a

palavra ideal para que se encaixe no significado desejado. Este ato atesta sua onipotência. Segundo Orlandi (2005, p. 58-75): “[...] *a ilusão da onipotência do sujeito-leitor, o qual acredita o discurso nasce dele em vez de ser retomado por ele, e a ilusão da onipotência do sentido, que julga realidade o pensamento do sujeito ao rejeitar o não-dito.*” Então, se o sujeito se acha tão onipotente como ele não é capaz de encontrar um sentido desejado para dar às palavras? O sujeito não é onipotente e muito menos determina algo. O que se dá é justamente o contrário, não é o sujeito que determina a significação, mas sim a língua que o determina. Ela é a possibilidade de sentido e faz significar os sujeitos.

A linguagem se constitui pela Análise de Discurso enquanto fluida e também enquanto possibilidade de sentidos. A língua que é “falada nas ruas” faz significar, os termos não oficialmente reconhecidos pelas gramáticas ou que não estão inseridos no dicionário e ainda assim, produzem sentidos, como por exemplo, as gírias. E do mesmo modo dos neologismos utilizados na obra, da mesma maneira estão significando de forma que já estão gravados na memória discursiva do sujeito.

Como já colocamos anteriormente, o que caracteriza a Análise do Discurso é o discurso e suas condições de produção, partindo disto, fizemos uma relação dos neologismos que estão presentes na obra *O Bem Amado*, para que seja possível compreendermos como os sentidos vão além do que propõe o conceito de neologismo trabalhado pela sociolinguística.

Essa descrição foi realizada com o auxílio de dicionários e tem como finalidade, verificar quais das palavras são neologismos e quais estão em uso:

PALAVRAS	HOUAIS	AURÉLIO	AULETE DIGITAL	LAROUSSE
AGORAMENTE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
ACANHAMENTO	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
ATEÍSTAS	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem
BORBOLETISTA	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
BESTIFICADO	<i>Não tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Não tem
BENZEMENTO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
CALUNIAMENTO	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
CORREGIONÁRIOS	<i>Tem</i>	Tem	<i>Não tem</i>	Tem
COMPENETRASSE	<i>Não tem</i>	Não tem	<i>Não tem</i>	Não tem
CONTRAPRODUCENTE	<i>Tem</i>	Tem	<i>Tem</i>	Tem

DEFUNTICE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DEFUNTAR	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
DESPERNITENTES	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DESCONSTRANGIDOS	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DEVERASMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DESCONFIRMAR	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DESPROCEDENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DESMIOLAMENTO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
DE-REPENTEMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
ESPAVORIDO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
ESCANDALOSAMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
ENTREMENTEMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
FÉRETRO	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>
FAZEDOR	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
FUNCIONALISMO	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>
FINALMENTES	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
FLOREADO	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>
GAZETISTA	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
JURAMENTADAS	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>
JENIPAPISTA	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
JURAMENTISTA	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
JENIPASPAÇÃO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
MALECICÊNCIA	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
MERITISMO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
MAU-CARATISTA	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
MUNICIPALIDADE	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>
NERVOSAMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
NAMORISMO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
OBSTANTEMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
PATIFENTO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
PREVIDENTES	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>
PACATISMO	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
PRATRASMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
PRAFRENTEMENTE	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>
SOLITUDE	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
VENDOLA	<i>Não tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>
VERANISTAS	<i>Não tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>	<i>Tem</i>

Podemos perceber que, a maior parte das palavras ainda não faz parte dos dicionários. O interessante aqui é pensar que tais palavras não se apresentam no dicionário, mas elas (as palavras) produzem sentidos, estão significando na obra: “**ODORICO** Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.” (Gomes, 1962, p.14). As palavras também, fazem

significar a função autor. Os “neologismos” se caracterizam na obra como uma marca da autoria, tendo em vista que, o autor poderia empregar as palavras do modo como sempre ocorre, mas, no entanto não é isso que acontece na obra, pois, temos palavras outras funcionando. O que é interessante pensar, é que os neologismos significam na obra literária e também na língua, em seu aspecto fluido, porque há essa possibilidade de deslizamento de sentidos.

Agoramente retoma os sentidos da palavra *agora*, ainda que esteja escrita em uma forma diferente, pela memória da língua, os sentidos que se constitui no texto para *agoramente* são os mesmos que o da palavra *agora*. Essa nova forma faz significar os sentidos já estabelecidos, mas que são trabalhados em uma forma diferente pela autoria. Por mais que cause um estranhamento, o leitor consegue identificar e buscar na memória um sentido para essa palavra.

Dessa maneira, Solange Gallo (1992) coloca que: “A *assunção da autoria pelo sujeito, ou seja, a elaboração da Função-Autor consiste, em última análise, na assunção da “construção” de um “sentido” e de um “fecho” organizadores de todo o texto. Esse “fecho”, apesar de ser um entre tantos outros possíveis produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível. Ou seja, esse “fecho” torna-se “fim” por um efeito ideológico produzido pela “instituição” onde o texto se inscreve: o efeito que faz parecer “único” o que é “múltiplo”, “transparente” o que é ambíguo.* (p-58), então, o autor assume sua função e percebe que somente ele (o autor) é que pode assumir o final, assumindo ainda a autoridade dos sentidos construídos.

Segundo Foucault, “A *função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.*” (FOUCAULT, 2002b, p.46). O autor do texto assume a responsabilidade de produzir sentidos, Suzy Lagazzi coloca que: “*Os sentidos se produzem na relação com as formas significantes e a relação entre sujeito e escrita, entre escritor e texto passa a significar numa delimitação mútua. “Ou seja, o sentido não está definido antes, como uma idéia pré-formada”* (p-90). O sujeito se ocupa da posição de autor, por isso, a função autor não existe sem a obra. De modo que, ao realizar a leitura da obra o sujeito se desloca para posição de autor, pois ele (o sujeito) é quem conduz as interpretações, ainda mais, se o livro for de uma época diferente da que se vivem, os sentidos e interpretações no “hoje” podem e serão totalmente diferentes para cada leitor.

Toda sociedade organizada é constituída por indivíduos organizados, em relação

à memória, sabemos que ela (a memória) é coletiva e não individual, pois, adquirimos nossas idéias por meio da língua e como consequência obtemos também, a ideologia. Através disso, construímos novas idéias e a partir da linguagem articulamos saberes de diversos campos e formações discursivas.

Dessa forma, o neologismo vem a ser analisado dentro de um contexto, no caso da obra em estudo é a palavra usada que se dá através do deslizamento da língua, o que ocorre com o personagem Odorico Paraguaçu em sua fala: “**ODORICO** - *Meus concidadãos! Este momento há de ficar para sempre gravado nos anais e menstruais da História de Sucupira!*” (Gomes, 1962, p.28), lembramos aqui de memoriais, pois nos memoriais é onde se guarda a memória. Quando o personagem faz uso das palavras “*anais*” e “*mestruais*” estas vão significar pela memória discursiva no texto, enquanto deslizamento das palavras memoriais. A fonética da desinência de número da palavra memorial e da palavra anais, que é o relato dos acontecimentos de cada ano de um determinado grupo, faz significar a palavra menstruais que soma o sentido de memoriais/anais com o de mês. Observe que estas (as palavras) terminam com o sufixo “*ais*”, em ambas, acontecendo o deslizamento de sentido, o deslizamento da língua, se flexionando em plural, mesmo com um significado esse deslizamento proporciona ao sujeito empregar um novo sentido a essa palavra existente.

Na memória, como afirma Orlandi (2001) é onde estão as formulações e pensamentos já efetuados. A autora afirma que “*A memória discursiva sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas e que voa construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. [...] aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos.*” Mas, não somos donos da língua.

É pela memória que os neologismos significam não só na obra de Dias Gomes, mas também na língua em si. Portanto, o que temos é uma resignificação e não a criação do “neo/novo”, pois, o discurso se constitui a partir da memória e do esquecimento, e mesmo que busquemos em nossa memória e não encontre a palavra desejada, o sentido vai se construindo a partir de outros sentidos e ainda que o sujeito não tenha consciência desse movimento da língua ele acontece.

Segundo PÊCHEUX: “*A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos*

transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Ou seja, faz emergir um sentido sobre os já existentes. Então, Orlandi (2001: p - 54) afirma ainda que “a memória tem características quando pensada em relação ao discurso e nessa visão ela é tratada como interdiscurso, é o que chamamos de memória discursiva. Essa memória vem com a história, colocando-se para fora falando com outras palavras.” Sabemos dessa forma, que as palavras não surgem do nada, elas vêm da memória, é o que já colocamos antes, vem da memória da língua essa busca pelos sentidos, nada é novo já está dado e portanto ressignificando.

Orlandi (1999, p.32) coloca ainda que:

(...) As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse ‘x’ (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentido estão ali presentes.

Ou seja, o que é dito em outro lugar acaba por significar em nossas palavras. Para que um contexto faça sentido é preciso que minhas palavras já façam sentido. Vejamos isso em funcionamento no trecho da obra:

ODORICO

Então vamos escolher o terreno.

DIRCEU

A prefeitura só tem um, mas está ocupado.

ODORICO

Ocupado? Por quem?

DIRCEU

Pelo circo.

ODORICO

Ora, o circo que se muda. Chega das palhaçadas de antigamente. Prafrentemente, vamos tratar de coisas sérias. Pode levar isso daqui. (Gomes, 1962, p.17)

Observamos que a palavra “Prafrentemente”, embora não esteja contemplado nos verbetes dos dicionários, retoma os sentidos da locução prepositiva *para frente* e significa pela memória discursiva que constitui os sentidos desta locução prepositiva. O interdiscurso se dá nessas associações entre as palavras e os sentidos que ativam na memória.

Então, considerando a memória discursiva no recorte em estudo, ela (a memória) afirma que a repetição é o que possibilita o sentido vir a ser outro, em relação a esse

fator Orlandi coloca que: “(...) a necessidade de se pensar o gesto de interpretação como lugar de contradição: é o que permite o dizer do sujeito pela repetição (efeito do já-dito) e pelo deslocamento (historicização)”. (ORLANDI, 1998, p.16). Assim, o sujeito se origina a partir dos sentidos.

Tomemos então, para leitura um trecho da obra:

ODORICO

(Continuando o discurso:) Botando de lado os entretantos e partindo prós finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês já poderão morrer descansados, tranqüilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido. (Gomes, 1962, p.14)

Destacamos a palavra “*desconstrangido*”:

Constrangido = radical;

Constrangido + o prefixo *dês* = ***Desconstrangido***

Notamos que mesmo se pensarmos a língua em sua estrutura gramatical, a palavra vai significar por um já dito. Esse prefixo e esse radical já têm um sentido que ao serem fundidos em uma só palavra, estão apenas se resignificando neste já dito, portanto não há nada “criado” e sim, sentidos que são retomados.

Em fim, chegamos à conclusão de que não tem nada novo, apenas ressignificação de palavras já dadas e que foram gravadas na memória discursiva do sujeito. Sabemos que, as palavras não surgem de formas aleatórias, do nada, no entanto, que não é assim que funciona, pois, se ocorresse de maneira seria uma língua a parte, sem história, sem memória? O sujeito se significa através da língua, então definitivamente não é novo, e sim um “novo” sentido para tais palavras, que já foram dadas, é como se disséssemos que são novas, mas como, se já estão na memória da língua do sujeito?

Por compreender que as palavras não surgem do nada, como por exemplo, uma idéia que o sujeito tem aleatoriamente, na verdade esse indivíduo é tomado pela língua e não ela (a língua) é tomada como um objeto que é meu e pronto. Como já colocamos antes, na verdade o que há é uma ressignificação, que se abre há possibilidade de sentidos e funciona fundamentalmente pela memória discursiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um primeiro momento, as palavras destacadas se apresentam como novas de fato, o que se apresenta de novo são apenas os sentidos. Com o desenvolvimento dos estudos, percebemos que acontece apenas a ressignificação dos sentidos já dados há uma palavra que já tenha sido inserida na língua, e que está centrada na memória da língua do sujeito. Então, não tem definitivamente nada de novo.

A Análise do discurso, por sua vez procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é única, cada um tem sua especificidade. Somos tomados pela língua, ela vai se manifestar conforme a condição de produção de cada falante. Então, o sujeito vai se transformar através do discurso, portanto, não se trabalha o discurso pelo sistema e nem de forma abstrata o que importa aqui é a língua significando, falada pelos indivíduos e produzindo sentido em sua vida é isso que nos enquanto analistas trabalharemos na A.D.

Concluindo, sabemos que na análise não há de forma alguma sentidos sem interpretação, o objetivo neste trabalho foi compreender de que forma os neologismos empregados na obra faziam sentido. Através disso, compreendemos que o que está funcionando é a memória discursiva, ela nasce da possibilidade de toda formação discursiva que produz e atua em formulações anteriores, que já foram dadas e já foram proferidas. Em outras palavras, a memória discursiva admitirá em sua vasta rede de elaboração o surgimento, a exclusão ou a transformação dos enunciados que pertencem as concepções discursivas colocadas historicamente, ou seja, permite que a língua deslize e que ocorra a ressignificação e não a criação de uma nova palavra, e sim um novo sentido.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de, *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, São Paulo: Publifolha, 2008.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: Manual de linguística. Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.
- CUNHA, Celso, 1917 – 1989. *Nova gramática do português contemporâneo* / Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra. – 5.ed. – Rio de Janeiro : Lexikon, 2008.
- DIAS, José. Odorico Paraguaçu, O Bem-amado de Dias Gomes *História de um personagem larapista e maquiavelento*. São Paulo, 2009.
- DI Renzo, Ana. – Motta, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. – Oliveira, Tânia Pitombo de. (Orgs.) *Linguagem, História e Memória – discursos em movimentos/ Ana Di Renzo, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta e Tânia Pitombo de Oliveira (Orgs.) – Campinas : Pontes Editores, 2011.*
- GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990. (TÍTULO ORIGINAL, 1969).
- HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 29-55.
<http://www.biografia.inf.br/dias-gomes-dramaturgo-autor-de-novelas.html> acessado em: 23/052014.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.), *Manual de Linguística*, 1ª ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.
- MELO, C. (1999). *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Tese de doutorado em linguística, Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Universidade de Campinas - SP.
- ORLANDI, E. *A Linguagem e seu funcionamento*. Brasiliense, São Paulo, 1983.
- ORLANDI, Eni P. *O Inteligível, o Interpretável e o Compreensível*. In: *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. Trad. E.P. Orlandi et al. In PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed.

Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola* / Sírío Possenti —
Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção
Leituras no Brasil)